

Histórias locais, projetos culturais: construindo lembranças e esquecimentos (Santa Helena - PR, 1987 - 2000)*

Jiani Fernando Langaro**

RESUMO: O artigo discute a produção de “histórias locais”, a partir de projetos culturais promovidos pelos poderes públicos municipal; estuda o “Projeto História de Santa Helena”, que impulsionou a construção de uma memória hegemônica na esfera pública do município, a qual acaba por eleger uma determinada versão do passado como “a” história do lugar, marginalizando outras possibilidades de se compreender o passado local.

PALAVRAS-CHAVE: Projetos culturais; Memórias; Oeste do Paraná.

ABSTRACT: This article discuss about “Local Histories” production, taking as a base cultural projects promoted by the municipal public powers; it studies the “Santa Helena History Project” which led to the construction of a hegemonic memory in the municipal public sphere, which elected, recently, a specific version of the past as “the” history of the place, putting away other possibilities to understand the local past.

KEYWORDS: Cultural projects; Memories; West Parana.



Painel histórico. Fotografia tirada por Jiani Fernando Langaro em 29/05/2005.

É muito comum no Brasil o poder público de diversos municípios procurar viabilizar formas de registro daquilo que é considerado como “a história” local. Para tanto, realiza-se projetos culturais e, comumente, esses trabalhos são “coroados” com a publicação de um livro. Partindo da concepção de que existem *muitas memórias* em constante disputa na sociedade, compreendo que aqueles projetos procuram construir *uma versão* hegemônica do passado, realizando um diálogo com diferentes versões em disputa, apropriando-se seletivamente de elementos de memória presentes na sociedade. A partir disso, organizam-se narrativas coerentes a serem divulgadas na *esfera pública* e que apontam para aquilo que se deseja lembrar e silenciam aquilo que deve ser esquecido. A fim de cumprir com tal função, essas histórias são produzidas a partir de locais determinados, como órgãos do poder público municipal e a partir de marcos históricos triunfantes e pré-estabelecidos.¹

Algumas dessas questões são perceptíveis no município de Santa Helena, região Oeste do Paraná. No espaço público desse local é recorrente o apelo ao passado, por meio de monumentos e espaços públicos que rememoram personagens e eventos históricos, os quais muitas vezes servem como atrativo turístico. Entre os diferentes projetos culturais desenvolvidos pela municipalidade se destaca, em termos de atenções recebidas e resultados apresentados, o “Projeto História de Santa Helena”, realizado em duas fases. De acordo com Clarice Welter,² a primeira etapa ocorreu entre 1987 e 1988, quando então teriam sido produzidos: “...*mais de uma centena de entrevistas com pioneiros*”³ do município. O segundo momento do projeto foi iniciado em 1997, em que foram coletadas outras “...*dezenas de depoimentos orais*”.⁴ Levantaram-se também documentos como fotografias e projetos elaborados por empresas colonizadoras que ali atuaram entre as décadas de 1920 e 1960.

Essa iniciativa foi viabilizada pela *Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Santa Helena* e contou com a participação efetiva de vários servi-

* Artigo elaborado a partir de materiais levantados em pesquisa realizada em nível de mestrado em História Social na Universidade Federal de Uberlândia – UFU, parcialmente financiada pelo CNPq.

** Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE (Campus Marechal Cândido Rondon), Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU (MG), Professor Efetivo da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR (Campus Toledo). Endereço: Rua N^a. Sr^a. da Luz, n. 170, apto. 6, Toledo – PR, CEP: 85.903-080. E-mail: jflangaro@utfpr.edu.br. Fone/Fax: (45)3252-0954.

¹ Emílio Gonzalez reflete acerca dos problemas em se escrever uma história pautada em marcos de memória. In: GONZALEZ, Emílio. “As camadas da Memória: A produção de marcos memorialísticos na historiografia regional do Oeste do Paraná (Marechal Cândido Rondon – 1950 – 1990)”. In: *Tempos Históricos*. Marechal Cândido Rondon, v. 05/06, pp. 185-219, 2003/2004. p. 192.

² WELTER, Clarice. *Santa Helena turística: a construção de um discurso*. Marechal Cândido Rondon/PR: UNIOESTE, 2002. (Trabalho de Conclusão de Curso em História). p. 30 (nota).

³ Idem. *Ibidem*.

⁴ Idem. *Ibidem*.

dores daquele setor, principalmente no trabalho de produção de depoimentos orais. É importante ressaltar que prestou-se uma grande atenção ao projeto, principalmente em sua primeira fase, pois nem todos os depoimentos foram realizados com moradores de Santa Helena. Chegou-se a contatar e entrevistar algumas pessoas que vivam nos estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, mas que haviam morado no município ou se relacionavam com seu processo de “colonização”.

O trabalho de pesquisa contou com ampla participação de pessoas que já viviam no município, como os servidores municipais que trabalharam no levantamento documental e os próprios moradores que prestaram seus depoimentos e forneceram materiais para consulta. Travou-se, assim, um diálogo com as memórias existentes no lugar, “ouvindo” aqueles que foram considerados aptos a “falar” e cujas memórias seriam dignas de registro.

É preciso atentar para o contexto de cada um dos dois momentos em que o projeto se desenvolveu. No primeiro, em fins da década de 1980, o município se encontrava em plena crise econômica, advinda do quadro nacional recessivo e de um agravante local, a agricultura ter sido prejudicada pela construção do reservatório da Usina Hidrelétrica de Itaipu. No segundo, na década de 1990, o município já desenvolvia outras iniciativas e projetava-se como pólo turístico regional e como “local de progresso”, em virtude da riqueza proporcionada pelos *royalties* pagos por Itaipu.

Essas iniciativas não ocorreram desvinculadas de dimensões mais amplas do processo histórico e social local. Parecem ter sido elaboradas com o intuito de dar respostas a uma sociedade que sofria profundas transformações. Na década de 1980 era preciso repensar o que era Santa Helena e para onde o município “caminharia”. Na década de 1990 as demandas eram outras, como criar uma nova imagem para o lugar, sem vínculo com o quadro recessivo anterior. Procurando dar respostas às demandas existentes nesses períodos, o passado assume seu caráter político, inserindo-se em uma relação dinâmica com as memórias existentes no local. Tenta-se acabar com a disputa em torno das versões do passado local, procurando instituir uma memória que seja hegemônica, que seja “a” história de Santa Helena.

As duas fases do projeto renderam uma série de resultados, entre eles, dois livros escritos por José Augusto Colodel, a partir do fundo documental levantado. O autor, de acordo com informações obtidas informalmente, é graduado em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR e em 1988, publicou o livro *Obrages e Companhias Colonizadoras: Santa Helena na história do Oeste do Paraná até 1960*⁵, resultante do primeiro momento do “Projeto História de Santa Helena”. Em 1998, concluiu o livro *Semeadores de Sonhos: história de Santa Helena a partir de 1960*, a partir dos materiais levantados na segunda etapa do projeto. Porém, essa obra ainda não foi publicada e não se encontra disponível ao público.⁶

O primeiro livro, além de ser viabilizado pela prefeitura municipal, foi editado com recursos da Itaipu Binacional. O prefeito da época, Julio Morandi, do PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), concebeu o texto como: “*Mais do que um simples livro esta pesquisa é também uma homenagem a todos os pioneiros que, com o suor do seu trabalho, desbravaram e deram forma ao lugar em que hoje vivemos*”.⁷ O documento ainda sugere que os responsáveis pelo projeto percebiam um certo “esquecimento” da população local em relação ao passado do lugar, fator que chamou a atenção para a necessidade de se realizar um levantamento histórico; sinaliza, então, para a necessidade de se lembrar da “colonização de Santa Helena”, como o núcleo central dessa história. Essas afirmações sugerem que tal memória não fazia mais sentido para a maior parte da população local.

⁵ COLODEL, José Augusto. *Obrages e Companhias Colonizadoras: Santa Helena na História do Oeste Paranaense até 1960*. Santa Helena/Pr: Prefeitura Municipal, 1988.

⁶ Welter, op. cit. p. 30 (nota de rodapé).

⁷ MORANDI, Julio. “Apresentação”. In: COLODEL, José Augusto. *Obrages...* op. cit. p. 15.

Isso talvez ocorra por ser a década de 1980 um período de mobilidade populacional muito intensa, continuando um movimento regional que já se arrastava desde décadas anteriores⁸, pois nem todos os habitantes locais descendem dos migrantes vindos durante o período “colonizatório”. Contra esse movimento de transformação nas memórias do lugar, reelaborou-se uma série de sentidos conferidos ao passado, os quais foram reorganizados em forma de livro, tentando-se cristalizar uma determinada história do local.

Refletindo sobre o conteúdo do livro publicado, percebo que José Augusto Colodel realiza um trabalho amplo e rico em informações, assim como todo o conjunto de sua obra. Ele toma como recorte de tempo inicial as disputas entre espanhóis e portugueses pelo território do atual Oeste do Paraná, ainda no século XVI. Além desse, outros momentos são eleitos como marcos da história local, como a fundação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu; a atuação das *Obrages*, empresas com sede oficial na Argentina que exploravam madeira e erva-mate na região, dando atenção especial à de Domingos Barthe, que havia construído o “Porto de Santa Helena”; a navegação a vapor no Rio Paraná; a passagem do movimento tenentista pela região em 1924; e a “colonização” do que viria a ser o Município de Santa Helena, iniciada ainda na década de 1920, mas impulsionada de maneira mais efetiva a partir da década de 1940. O autor explica, assim, o que seria a inserção de Santa Helena no Oeste do Paraná, possuindo uma grande preocupação com o que considera “abandono” da região pelo governo brasileiro e com o elogio ao processo de “nacionalização” da fronteira.

O livro se divide em dois pólos: um anterior e outro posterior à “colonização” de Santa Helena. É sobre o período anterior que o autor projeta as tensões existentes no local. Ele aponta que desde fins do século XIX o Oeste do Paraná teria sido dominado pelos *obrageros*, como eram chamados os proprietários das *obrages*, que adotavam o trabalho de “paraguaios” ou “guaranis modernos” em regime de semi-servidão. Mesmo admitindo que eles resistiam à situação de exploração de seu trabalho, em muitos momentos o autor acaba por vitimá-los, reduzindo suas vidas à violência existente nessas empresas.

Em contraposição a esse ambiente, Colodel destaca outros dois marcos “humanizadores” da fronteira, como a passagem das tropas revoltosas de Luís Carlos Prestes e a “colonização” do local que viria a se tornar o município, iniciada na área próxima ao antigo Porto de Santa Helena. Prestes, de maneira quase heróica, teria libertado muitos “trabalhadores das matas” ou “paraguaios”, que se encontravam presos as *Obrages*, enquanto que o movimento colonizatório “nacionalizou” a fronteira, criando uma sociedade igualitária e harmoniosa. Tal caráter é enfatizado ao tratar das festas locais: “*A festa contava com a colaboração de toda a comunidade. Os colonos se reuniam e contribuía com o que podiam. Alguns mais abastados, doavam uma vaca; outros, doavam porcos, galinhas e prendas diversas*”.⁹

As tensões a partir da “colonização” são sempre topicamente mencionadas, ficando mais evidentes aquelas que não seriam internas ao “grupo de colonos”. Esse é caso da relação estabelecida entre “colonos” e os “trabalhadores paraguaios”, existindo uma espécie de segregação entre ambos, embora os “colonos” utilizassem os serviços dos “paraguaios” em algumas atividades do campo. Conforme aponta Colodel, devido à decadência das *Obrages*, na década de 1940, o Porto de Santa Helena era um local onde ficavam muitas famílias de “paraguaios”. De acordo com o autor, tal presença era incômoda aos “colonos”, pois: “...*sua presença algumas vezes era tida como incomodativa pelo receio que a falta de serviço os levasse ao roubo e a outros tipos de infrações*”.¹⁰

⁸ Ver: LAVERDI, Robson. *Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo Oeste do Paraná*. Curitiba: Aos Quatro ventos, 2005. pp. 47-53.

⁹ COLODEL, José Augusto. *Obrages...* op. cit. p. 250.

¹⁰ Idem. p. 257.

Colonos e paraguaios são tomados como dois grupos homogêneos, não se analisando suas tensões internas. O preconceito dos colonos com esses trabalhadores que já viviam na região antes de sua chegada também não é estudado com profundidade, limitando-se às questões étnicas, sem abordar relações de trabalho.

Outro ponto de tensão apontado pelo autor é o existente entre “colonos” e as “Companhias colonizadoras”, no que tange à falta de infraestrutura proporcionada pelas empresas aos agricultores recém-chegados à região. Entre os próprios “colonos”, Colodel limita-se a citar a prática de recolher as armas, já na década de 40, à porta dos locais onde eram realizados os bailes, no intuito de se “evitar desentendimentos”.¹¹

A idéia de “comunidade harmoniosa” parece orientar a imagem que se quer criar sobre a sociedade surgida com a “colonização”. Em parte, isso parece decorrer de uma incorporação acrítica de depoimentos orais, somando-se à tentativa de se construir uma memória “heróica” dos “pioneiros”, que teriam vencido as adversidades daquele período, o que explicaria as críticas realizadas à companhia colonizadora.¹²

A obra, de 1988, publicada após as grandes transformações sócio-econômicas e populacionais ocorridas no lugar, parece querer definir quem o construiu e, conseqüentemente, quem tem direito a ele. Nesse sentido, a “colonização” se apresenta como marco fundador do lugar e os “colonos” como “pioneiros”, os primeiros moradores que o “desbravaram”. Os trabalhadores não-brancos, por seu turno, são desqualificados como estrangeiros, “paraguaios”, que não teriam direito sobre as terras do Oeste paranaense.

É necessário lembrar, entretanto, que dentro da metodologia adotada para escrita do livro, nem mesmo todos os consultados que chegaram durante o período da “colonização” foram dignos de lembrança. De acordo com Maffissoni¹³, a maior parte das pessoas entrevistadas no projeto era mulheres e elas quase não são citadas por Colodel. No trabalho de Maffissoni ainda observa-se trajetórias de pessoas pobres que viveram no município naquele período e que não adquiriram prestígio local, as quais também não foram mencionadas.

A obra resultante da segunda fase do projeto não está acessível. Porém, a documentação levantada vem sendo utilizada constantemente em outras iniciativas de divulgação dessas memórias, algumas delas da própria Prefeitura Municipal de Santa Helena. É o caso do livro didático *História de Santa Helena: descobrindo e aprendendo. Ensino fundamental*¹⁴, publicado em 2000, com recursos da Prefeitura Municipal e viabilizado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura e a Divisão de Patrimônio Histórico. José Augusto Colodel é apontado como responsável pela pesquisa histórica e pelo texto do livro, enquanto vários servidores da prefeitura municipal participaram como coordenadores e colaboradores da elaboração desse manual didático, indicando um trabalho coletivo de discussão da obra.

Direcionado ao uso em sala de aula, no ensino de história local nas séries iniciais do nível fundamental, o manual didático é composto por textos curtos e sugestões de atividades, distribuídos em quadros coloridos. Esse recurso provavelmente tem a finalidade de tornar a leitura mais aprazível às crianças. No início de cada capítulo, tem-se a reprodução de uma fotografia levantada no “Projeto História de Santa Helena”, sendo que as imagens em preto-e-branco foram colorizadas em apenas uma cor. Provavelmente tal método também teria sido empregado no intuito de tornar as imagens mais atrativas aos leitores. Ao final do texto, antes da sugestão de atividade, empresta-se um fragmento de depoimento oral.

Em termos de conteúdo, a obra inicia tratando das *Obrages* e conclui com a construção de Itaipu. Os diferentes temas são trabalhados prioritariamente no sentido de “curiosidades”, sem uma postura mais crítica.

¹¹ Idem. p. 268.

¹² Ver: LANGARO, Jiani Fernando. *Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do Oeste do Paraná*. Uberlândia/MG: UFU, 2006. (Dissertação de Mestrado em História Social).

¹³ MAFFISSONI, Joice. *Sonhos e perspectivas das mulheres santaelenenses na colonização do Oeste do Paraná*. Marechal Cândido Rondon/PR: UNIOESTE, 1999. (Monografia de Especialização em História Social na Historiografia Contemporânea).

¹⁴ COLODEL, José Augusto. *História de Santa Helena: descobrindo e aprendendo: ensino fundamental*. Santa Helena/PR: Prefeitura Municipal e Secretaria Mun. de Educação e Cultura, 2000.

ca. Isso fica muito visível no capítulo em que é discutida a “mecanização da agricultura”, em que são tratadas, em detalhes, as transformações ocorridas nos instrumentos de trabalho. As maneiras de trabalhar no campo são abordadas em uma espécie de *antes e depois* da mecanização agrícola, ocorrida na década de 1970:

E então chegou o trator e a colheitadeira. O que restava da floresta deu lugar às plantações de soja, milho e trigo.

.....
Uma das primeiras máquinas a aparecer na região foi o trator de esteira. Ele foi usado para arrancar os tocos de árvores que antes eram retirados com juntas de bois. Era o que se chamava de destoca e foi ela quem abriu os grandes espaços que seriam necessários para o plantio em larga escala de culturas como a soja, o milho e o trigo.

Depois que o trator de esteira fez o seu trabalho, entra em cena o trator de pneu, puxando arado, semeando e gradeando a terra cultivada. A colheita e a separação dos grãos também passou a ser feita com colheitadeiras cada vez mais modernas. Na própria roça a colheitadeira abastece de grãos os caminhões. Esses caminhões transportam os grãos para os silos das cooperativas ou para o Porto de Paranaguá, de onde são embarcados em navios chamados de graneleiros e seguem para serem exportados para outros países.¹⁵

As mudanças técnicas são tratadas de maneira harmônica, o plantio de soja, milho e trigo surgem como algo *necessário* e as máquinas, como *modernidade*, uma forma de acelerar o processo de cultivo desses produtos. Diferentemente da abordagem conferida por outros trabalhos que compõem a historiografia regional,¹⁶ o manual não aborda os impactos sociais causados por tais transformações, tampouco as formas com que as pessoas compreenderam esse processo. Limita-se a apontar que: “Essa mecanização teria como uma das suas principais conseqüências o desmatamento de áreas florestais até então preservadas”¹⁷, preocupando-se somente com os danos causados ao meio-ambiente.

Nos projetos empreendidos pelo poder público municipal, é possível notar que o silenciamento das tensões e a difusão de uma memória que evoca a harmonia social são constantes, mesmo quando se trata de outros assuntos, em temporalidades mais recentes. Persiste, também, a necessidade de se divulgar aquela memória de maneira mais efetiva no ensino de história. O livro didático desempenha esse papel, chegando, em algumas ocasiões, a orientar praticamente todo o trabalho docente.

A memória hegemônica do lugar ocupa efetivamente o espaço público com um painel, construído com recursos da municipalidade e inaugurado nas festividades de emancipação de Santa Helena em 1999.¹⁸ Disposto na Praça Orlando Weber, área central do município, o monumento possui grande destaque público, com 90 metros quadrados.

O monumento foi produzido pelo artista Adoaldo Lenzi Júnior, utilizando a técnica de pintura em azulejo.¹⁹ Sua confecção foi precedida de debates com alunos de escolas do município, realizada pelo artista no intuito de divulgar o projeto e a técnica empregada em sua elaboração. Em tons elogiosos, o *Jornal Costa Oeste*²⁰ apresenta um pouco de sua trajetória profissional, destacando que ele é considerado por muitos como o sucessor de Poty Lazarotto, artista curitibano falecido algum tempo antes da construção do painel em Santa Helena e com quem começou a trabalhar ainda aos 12 anos de idade.²¹

A pintura em cerâmica retrata elementos como as matas nativas e, principalmente, marcos de memória local. A navegação a vapor no Rio Paraná e a exploração da madeira são representadas pela figura de um

¹⁵ Idem. p. 48-9.

¹⁶ Ver: SCHLOSSER, Marli T. S. “Modernização agrícola: um estudo de discursos jornalísticos na região oeste do Paraná (1966-1980)”. In: LOPES, Marcos A. (org.) *Espaços da memória: fronteira*. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000. pp. 67-78; e SCHREINER, Davi F. *Cotidiano, Trabalho e Poder: a formação da cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná*. 2. ed. Toledo: Ed. Toledo, 1997.

¹⁷ COLODEL, José Augusto. *História de Santa Helena: descobrindo e aprendendo...* op. cit. p. 48.

¹⁸ “INAUGURAÇÕES MARCAM os 32 anos de Santa Helena”. *Jornal Costa Oeste*, Santa Helena/PR, ano 3, n.º 63, maio de 1999. Capa.

¹⁹ “LENZI JÚNIOR, o sucessor de Poty Lazarotto”. In: *Jornal Costa Oeste*, Santa Helena/PR, ano 3, n.º 63, maio de 1999. p. 9.

²⁰ Idem. *Ibidem*.

²¹ Na época da inauguração Lenzi Júnior possuía 22 anos de idade. In: Idem. *Ibidem*.

navio, um pescador e toras de madeira sendo transportadas. Tais imagens, grandes e desproporcionais às demais, ocupam boa parte do painel, podendo passar uma idéia de que o processo histórico no período anterior à década de 1950 e 1960 não era intenso, existindo uma espécie de “vazio”. Um pouco abaixo das toras, aparecem alguns carroções, representando a “colonização” e o rio dividindo por dois grupos de homens armados, em combate, com chamas logo acima, representando a passagem da “Coluna Prestes” em Santa Helena e uma ponte que foi queimada pelos revoltosos em suas estratégias de combate. As imagens posteriores retratam atividades econômicas, como cultivo de soja e de milho, representando as atividades agrícolas do lugar, principalmente no período posterior à década de 70. Ao final, têm-se gravuras que fazem alusão ao turismo, projeto da administração municipal no momento em que o painel foi produzido. O rio Paraná une todos esses elementos por ser a principal via de comunicação do local (até a década de 40) e elemento a partir do qual se implementa o turismo em Santa Helena, com sua praia artificial.

De maneira semelhante a Colodel, Lenzi Júnior transmite uma memória de harmonia sobre o passado local. O único conflito retratado não envolve moradores do município e, nesse sentido, sua obra se conecta com os interesses de se construir uma memória pública hegemônica, que deveria ser considerada como “a história” de Santa Helena, iniciada com as *Obrages* e terminada com um presente de *progresso* econômico.

Sublinhe-se que essas iniciativas mais recentes, empreendidas em finais da década de 1990 e início da década de 2000, realizaram-se em um período em que se realizava uma discussão muito tensa sobre o emprego que deveria ser conferido aos *royalties* pagos por Itaipu, que em diversos momentos adquiriu dimensões violentas, dando continuidade a um processo conflituoso de formação histórica local. Dentre os projetos existentes na época, a implementação do turismo adquiria destaque junto à prefeitura municipal, enquanto diversos setores da sociedade local levantavam severas críticas a tais projetos.

Apesar de serem mantidos certos elementos das memórias do período colonizatório, nesse momento, em meados de 2000, provavelmente foi menos importante homenagear os “pioneiros” do que apresentar um passado harmônico reinventado. Por meio de um passado romantizado, tenta-se resolver, no plano das idéias, dos desejos, problemas contemporâneos concretos. Mais do que uma simples psicologização ou imagem distorcida do passado, tais lembranças acabam por adquirir sentidos políticos precisos, por realizar apelos a um presente sem conflitos e tornar-se inspiração a um futuro sem contestações e enfrentamentos de classes. Busca-se, assim, resolver as tensões daquele presente com o apelo à coesão social, por meio de anulação das divergências e de adesão ao projeto do governo municipal.

Entretanto, nem todas as formas de divulgação de memória local são de iniciativa direta de projetos do poder público. A própria imprensa toma parte nessa tarefa, na maior parte das vezes veiculando textos de autoria do próprio José Augusto Colodel, também produzidos a partir de materiais levantados no “Projeto História de Santa Helena”.

Em 1999, na edição comemorativa dos 32 anos de emancipação de Santa Helena, o *Jornal Costa Oeste* inseriu um artigo de Colodel.²² Todo o exemplar exaltava a inauguração de obras no município, as quais faziam parte das festividades. Colodel, por sua vez, discutia a formação da sede municipal, defendendo que ela resultaria do planejamento da “Industrial Agrícola Madalozzo” e, apesar de seu crescimento, teria sido algo que “deu certo”.

Era possível observar, em 2004, artigos desse mesmo autor no jornal *Portal América*. Nas três últimas edições analisadas,²³ aparecem seus

²²José Augusto. “Pelos ruas... ..e praças de Santa Helena”. In: *Jornal Costa Oeste*, Santa Helena/PR, ano 3, n.º 63, pp. 6-7, maio de 1999.

²³ Ao todo trabalhei com: *Portal América*, Santa Helena/PR, ano 1, n.º 3, fevereiro de 2003; *Portal América*, Santa Helena/PR, ano 2, n.º 25, 24 de junho a 08 de julho de 2004; *Portal América*, Santa Helena/PR, ano 2, n.º 27, 22 de julho a 05 de agosto de 2004; e, *Portal América*. Santa Helena/PR, ano 2, n.º 31, 16 a 30 de setembro de 2004.

textos na segunda página, em coluna intitulada “Crônicas & Fatos da História”. Nesses estudos, aborda temas ligados à sua pesquisa, seguindo a perspectiva adotada no restante de seu trabalho.

Observa-se, então, que houve um certo êxito em imprimir na esfera pública local a poderosa noção de que o “Projeto História de Santa Helena” é o *locus* privilegiado para se alcançar “a” história do município. José Augusto Colodel, nesse sentido, acaba alcançando um grande destaque em certos momentos, desempenhando o papel de “historiador oficial” do município, “voz autorizada” a falar do passado do lugar.

Talvez por não corresponderem a realidade local, as versões hegemônicas de seu passado não conseguiram impedir a produção de outras histórias sobre o lugar, como aquelas produzidas no meio acadêmico, principalmente através dos trabalhos de conclusão de curso de História da Unioeste (Universidade Estadual do Oeste do Paraná), Campus de Marechal Cândido Rondon. Embora muitos desses trabalhos incorporem elementos da obra de Colodel, alguns deles destoam, em menor ou maior grau, dessa memória hegemônica no município.²⁴

Os trabalhos apresentam novas percepções sobre os processos históricos ocorridos no local, em parte por meio da busca por novas fontes e problemáticas. Entretanto, não é possível afirmar que a origem dos problemas da memória construída a partir do “Projeto História de Santa Helena” provém unicamente do fundo documental levantado. É possível notar que múltiplos olhares podem ser lançados sobre as fontes, como ficou muito evidente no trabalho de Joice Maffissoni, *Sonhos e perspectivas das mulheres santaelenenses na colonização do Oeste do Paraná*²⁵.

Os integrantes da Academia Cultural – ACULT, entidade não-governamental de promoção da cultura no município, defenderam um projeto para viabilizar a publicação dos trabalhos acadêmicos que tratassem de Santa Helena.²⁶ Em 2005, José Augusto Colodel, na qualidade de chefe da Divisão de Patrimônio Histórico, encampou o projeto que, no entanto, não chegou a ser colocado em prática pelo poder público municipal.²⁷

Isso demonstra que Colodel não é o único responsável pelas versões dominantes do passado local – até porque muitos marcos históricos que adota são anteriores ao seu trabalho – nem pela sua eleição como uma espécie de “porta voz oficial” do passado local, uma vez que ele mesmo chegou a defender uma divulgação mais ampla de outros trabalhos historiográficos. O movimento de construção de uma memória “oficial” do lugar não decorre apenas de problemas meramente metodológicos, como a incorporação acrítica de marcos históricos cristalizados na historiografia do Oeste Paranaense e de depoimentos orais, prática muito comum no trabalho de Colodel e de outros pesquisadores da região que tomam essa evidência histórica como meras fontes de informação. O movimento envolve relações de poder mais amplas, parecendo não ser algo ingênuo e/ou espontâneo, mas planejado e bem delimitado, que silencia, na esfera pública, as demais versões, que não receberam grandes atenções do governo municipal, tampouco integraram os projetos culturais promovidos.

A existência de trabalhos que destoam das versões hegemônicas do passado de Santa Helena, no entanto, descortina os limites de tais projetos, apontando para o fato de não conseguir eliminar outros movimentos de renovação que ocorrem fora dos meios acadêmicos. Torna-se necessário lembrar, nesse momento, de outras memórias existentes, principalmente, nos meios populares²⁸ e muitas vezes divulgados somente oralmente. Em certos casos, alguns desses trabalhos acabam alcançando dimensões de luta pelo *direito ao passado* mais declaradas e registradas em meio escrito. Nesse sentido é significativa a iniciativa de moradores do Distrito de São Clemente, em escrever o que designam de “a história” daquele local, tendo como eixo principal da narrativa os conflitos agrários.²⁹

²⁴ Ver: FOCHEZATTO, Anadir. Op. cit.; BOTH, Claudia Simone. *Trabalho informal: experiências de empregadas domésticas no município de Santa Helena – PR*. Marechal Cândido Rondon/PR: UNIOESTE, 2003. (Trabalho de conclusão de curso em História); e, RADAELLI, Sônia Regina. *Coisa de alguém, não comum”: conflitos pela posse da terra em Santa Helena (1960-1980)*. Marechal Cândido Rondon/PR: UNIOESTE, 2004. (Trabalho de conclusão de curso em História).

²⁵ MAFFISSONI, Joice. Op. cit.

²⁶ Informação prestada informalmente por um dos membros da entidade

²⁷ “SANTA HELENA completa seus 38 anos de emancipação”. In: *Correio do Lago*, Santa Helena/PR, ano 1, n.º 03, p. 07, maio de 2005.

²⁸ A esse respeito ver: LANGARO, op. cit.

²⁹ RADAELLI, Sônia Regina. Op. cit. p. 34.

Isso demonstra as dificuldades dos grupos dominantes locais em produzir uma memória que dialogue com certos momentos de tensão ou que pelo menos se aproxime mais da realidade das pessoas que vivem no município. Ao mesmo tempo apresenta-se a impossibilidade de se construir uma versão que abarque a totalidade do processo histórico local ou que, mesmo excludente, seja assimilada acriticamente por todas as pessoas.

Apesar do grande empenho da administração municipal na realização de seus projetos e de seus êxitos, é possível afirmar que eles não alcançaram o objetivo de terminar, totalmente, com a disputa entre as muitas lembranças existentes em Santa Helena. A própria insistência em divulgar essa memória pública ao longo de mais de uma década demonstra isso.

Essa dificuldade em alcançar seus objetivos pode sinalizar movimentos de resistência locais, que, embora não tenham conquistado grandes projeções no espaço público, usam a memória como instrumento de luta social, apresentando outras versões do passado; demonstram, assim, a possibilidade de se renovar os olhares lançados sobre o passado local e de se produzir novas histórias, quiçá mais democráticas, em que as camadas populares não sejam meras coadjuvantes obscurecidas por marcos históricos e conceitos pré-estabelecidos, mas sim sujeitos de sua história.